



O sagrado e o profano em Marc Chagall The Sacred and the Profane in Marc Chagall

José Antônio Orlando*

Resumo: Este artigo analisa arte e religião na obra de Marc Chagall (1887-1985) a partir da exposição “Chagall. Divino y Humano”, apresentada na Fundação Canal, em Madri, de fevereiro a abril de 2016. A mostra, que reuniu mais de uma centena de obras originais em técnicas de litografia, xilogravura e gravura, incluiu trabalhos sobre papel, criadas pelo artista entre as décadas de 1940 e 1980.

Palavras-chave: Arte. Religião. Marc Chagall.

Abstract: This article looks at art and religion in the work of Marc Chagall (1887-1985) from the exhibition "Chagall. Divino y Humano ", presented at the Canal Foundation, in Madrid, from February to April 2016. The show brought together over a hundred original works in lithography techniques, woodcut and engraving, including works on paper, created by the artist between the decades 1940 and 1980.

Keywords: Art. Religion. Marc Chagall.

*A Bíblia é um drama mundano e o mundo
uma parábola religiosa.*

Marc Chagall

Arte e religião sempre estiveram muito próximas – desde o mais remoto da experiência humana. É dessa constatação que parte Walter Benjamin em seu ensaio fundamental “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”,¹ publicado pela primeira vez em 1936, para destacar que as mais antigas obras de arte surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso.

Benjamin, passo a passo com importantes historiadores e filósofos dos últimos séculos, aponta para o fato de que as relações entre arte e religião conduziram a vida em sociedade em uma simbiose por vezes implacável, fortalecida em momentos capitais como no Renascimento e, posteriormente, como no Barroco.

Arte e religião também se fundem nas obras-primas de alguns dos grandes



artistas no último século – com um florescimento dos mais especiais na obra de Marc Chagall (1887-1985), um dos artistas incomparáveis do século 20. Considerado por muitos o maior de todos os mestres da cor na Arte Moderna, pintor, ceramista, gravurista, artista gráfico, desenhista e com uma trajetória que sempre buscou novos suportes e formatos para a arte, Chagall recebeu uma grande celebração na Espanha com a abertura de uma mostra retrospectiva inédita sobre sua obra com temática de inspiração religiosa.



O artista no ateliê em Paris, em 1955, em frente a *Le roi David*, (1952).

Intitulada “Chagall. Divino y Humano”,² a exposição, apresentada na Fundação Canal, em Madri, reuniu mais de uma centena de obras originais em técnicas de litografia, xilogravura e gravura, incluindo obras sobre papel, criadas entre as décadas de 1940 e 1980. Com curadoria a cargo de Ann-Katrin Hann, conservadora chefe do museu Pablo Picasso de Münster, que tem sede na Alemanha e de onde vieram muitas das obras reunidas na exposição, “Chagall. Divino y Humano” lança luzes sobre esta que talvez seja a parte mais evidente e também menos estudada sobre o grande artista.



“Chagall. Divino y Humano”.
(Madri, fevereiro a abril de 2016)

1 Judeu da Bielorrússia

Sempre lembrado e homenageado por sua pintura de formas alegóricas e multicoloridas em óleo sobre tela, Chagall também merece lugar de destaque entre os principais artistas gráficos do século 20 – como comprova o recorte temático sobre suas obras-primas de inspiração religiosa reunidas em Madri. Com frequência rotulado como surrealista, por conta de sua obra ser de difícil de classificação, só comparável a outros grandes mestres e pontuada de referências oníricas, o artista nasceu em Vitebsk, nordeste da Bielorrússia, no antigo Império da Rússia, em uma família de fortes tradições judaicas – detalhe biográfico que ilumina a interface religiosa tão presente em sua obra.

Na juventude, uma década antes da Revolução Russa de 1917, era um aluno dedicado e promissor da tradicional Academia de Arte de São Petersburgo quando uma bolsa de estudos para duas semanas em Paris mudou radicalmente seu destino. Na capital da França, depois de entrar em contato com artistas e escritores das vanguardas, Chagall decidiu não retornar à Rússia no prazo previsto. Encantado com as experiências radicais dos movimentos modernistas e com a vida boêmia de Montmartre, permaneceu por anos em Paris, onde tornou-se amigo de nomes como Picasso, Kandinsky, Cendrars, Modigliani e, especialmente, Apollinaire.

Nessa época, surgem suas primeiras obras produzidas sob a inspiração dos novos amigos de vanguarda – três pinturas em óleo sobre tela de 1911 que foram batizadas por Blaise Cendrars: “Moi et le Village” (Eu e a Vila), “Le soldat boit” (O soldado bebe) e “La Pluie” (A Chuva). Depois de Cendrars, foi Apollinaire quem assumiu o papel de mentor do jovem Chagall, sendo o



primeiro a destacar o talento do estreante entre os grandes da Arte Moderna – e também foi Appollinaire quem selecionou obras do jovem quase desconhecido para uma importante mostra das vanguardas em Berlim, em 1914, pouco antes da explosão da Primeira Guerra Mundial. O conflito forçou o retorno de Chagall a seu país, onde ele se casaria com Bella Rosenfeld, uma moça que ele havia conhecido quando ainda era adolescente em sua aldeia.

2 Comissário para as Belas Artes

Bella, segundo os biógrafos, foi o grande amor de Chagall e sua inspiração da vida inteira. Com a Primeira Guerra mudando rapidamente o cenário da Europa, vem a Revolução de 1917 na Rússia e novos desafios para Chagall, que foi nomeado comissário do povo para as Belas Artes em sua cidade natal, Vitebsk. Empossado no cargo oficial, teve a iniciativa de inaugurar a primeira escola de Arte Moderna na Rússia – com a meta de que ela estivesse aberta à variedade das tendências modernistas que conheceu em sua temporada na França. Porém, desentendimentos com outro gigante das vanguardas, Kasimir Malevich, levaram Chagall a desistir do cargo e a voltar de mudança definitiva para Paris.

O trabalho fantástico e colorido de Chagall, que talvez somente encontre paralelos em alguns poucos de seus contemporâneos – especialmente no espanhol Pablo Picasso, no francês Henri Matisse e em outro russo, Vassily Kandinsky – avançou para outras técnicas, outros suportes, depois de suas primeiras experiências com pintura em óleo sobre tela. A partir da década de 1920, passaria também a incluir em seu trabalho as ilustrações, desenhos e gravuras produzidos sob encomenda para reprodução em livros e revistas.

Nessa dedicação às ilustrações e artes gráficas sob encomenda, a Bíblia Sagrada iria ocupar um lugar de destaque. De 1931 a 1939, Chagall criou 66 gravuras sobre temas bíblicos, encomendadas pelo comerciante de arte e editor francês Ambroise Vollard – mas o trabalho foi interrompido quando explodiu a Segunda Guerra Mundial. Com a tomada da França pelas tropas nazistas de Adolf Hitler, Chagall parte em 1942 para o exílio nos Estados Unidos.

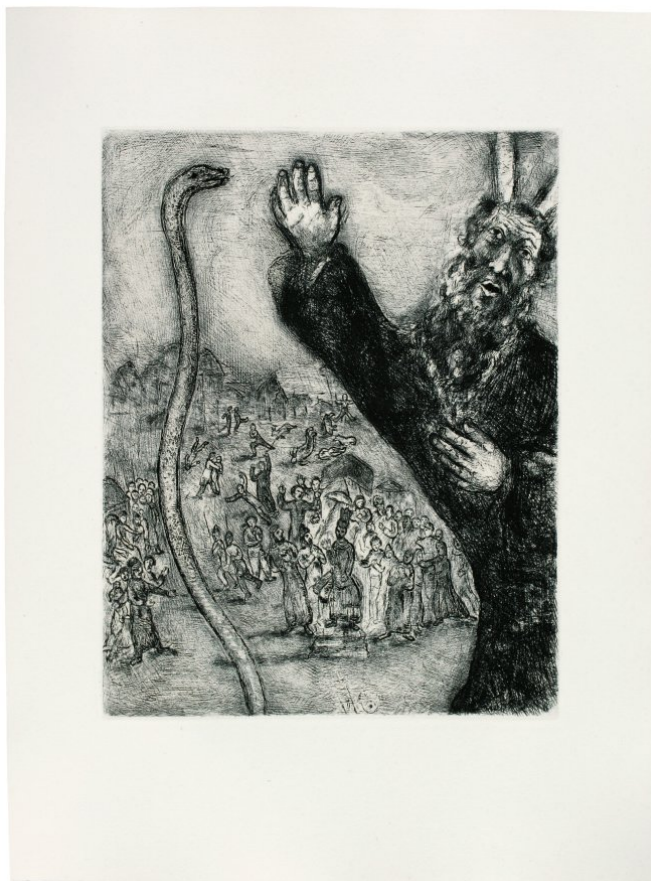
Desde a década de 1930, com a perseguição aos judeus pelo Nazismo, sua obra já havia incorporado a questão política em tons sombrios: judeu convicto, Chagall começou a denunciar com sua arte as tensões e depressões sociais e religiosas que sentia na pele. Assim que a guerra foi deflagrada, em 1939, o regime Nazista classificou oficialmente as obras de Chagall como “arte degenerada”.



3 Folclore, sonhos, fragmentos do real

De volta a Paris, depois da Segunda Guerra, Marc Chagall concluiu a série sobre a Bíblia que soma 105 trabalhos incomuns, sempre com animais e figuras circenses, festivas, mais humanistas do que exatamente religiosas.

Da série sobre a Bíblia, 20 figuras estão na exposição em Madri – entre elas “Moisés e a Serpente” (1956), “Da Criação do Homem” (1958) e “A Crucificação” (1952). Das centenas de ilustrações e artes gráficas produzidas sob encomenda por Chagall, também estão reunidas na mostra gravuras de várias edições sobre as Fábulas de La Fontaine e 15 das 96 ilustrações em preto e branco da série “Les Âmes Mortes”, criada para ilustrar o romance “Almas Mortas”, de Nikolai Gogol, publicado pela primeira vez em 1848 e considerado uma das obras mais marcantes da literatura russa do século 19.



Moïse et le Serpent , 1958.



Moïse et la table des Loisi, 1958.

Outras vertentes de temática com inspiração religiosa na obra extensa de Chagall estão representadas em Madri através de fotografias – caso dos objetos em cerâmica, das tapeçarias, das séries em vitrais, dos mosaicos e dos painéis murais que produziu para catedrais e sinagogas na França (incluindo o design, pinturas e detalhes em relevo do novo teto para a Ópera de Paris, em 1964), nos Estados Unidos e em Israel, sob encomenda para a Universidade Hebraica e o Parlamento de Jerusalém, entre vários outros trabalhos – além dos projetos de cenários, figurinos e adereços que desenvolveu para espetáculos de teatro e balé. O resultado é uma fascinante policromia que une, fora de qualquer contexto racional, fontes folclóricas, citações religiosas, lembranças, cenas oníricas, premonições, fragmentos do real – em abordagens que ainda hoje impressionam.



Adam et Eve, 1912.

Se um artista combina tão bem, como poucos, o divino, o mito, as tradições, muitos poderiam esperar que ele fosse alguém muito apegado à religião – mas não era. Chagall sempre declarou que nunca foi um homem religioso nem devoto ou praticante de nenhuma fé específica, mas muito preocupado com o transcendente em cada experiência vivida e com a liberdade para todas as religiões. “O artista verdadeiramente grande busca o universal que está presente em todas as práticas da fé” – assinala uma das frases de Chagall, afixada na abertura da mostra em Madri. Em outra frase, também destacada, ele diz que “a Bíblia é um drama mundano e o mundo uma parábola religiosa”.

O acervo de Chagall apresentado na Fundação Canal, com um ambiente cenográfico que reproduz o interior de uma sinagoga, está dividido em três seções. Na primeira, “Divino e Humano”, obras de diversas séries e fases do artista fundem a profundidade humana de seus autorretratos e a alegria do mundo do circo a cenas religiosas, expressando tanto suas memórias da terra natal quanto referências diretas e indiretas ao Antigo e ao Novo Testamento – tema de tal recorrência e abrangência na arte produzida por Chagall que levou a França a homenageá-lo com a criação do Museu da Mensagem Bíblica de Marc Chagall, instalado desde 1973 na cidade de Nice.



Abraham et les trois anges, 1966.

Na segunda, “Almas Mortas”, cenas, tramas e personagens do romance de Nikolai Gogol estão representados em um apelo onírico e monocromático que mistura e revela, em matizes que vão do negro ao cinza, camponeses, rabinos, estalagens, artistas de circo e vacas que tocam violinos. Na terceira seção, dedicada às ilustrações criadas sob encomenda de Ambroise Vollard para as edições da Bíblia Sagrada, as referências judaicas e cristãs dividem o mesmo espaço pictórico, construindo uma iconografia completamente diferente daquela construída pela tradição do Ocidente desde a Idade Média. Em imagens sempre instigantes e surpreendentes, Chagall traduz versículos sobre passagens, profetas, patriarcas, mas deixa à margem representações mais conhecidas como Adão e Eva, Abel e Caim, Babel, as parábolas de Cristo, entre outras, para destacar aspectos menos reverenciados pelos artistas que o precederam.



Crucifixion, 1960.



Não por acaso, um verso extraído de um poema que ele dedicou a sua amada Bella na década de 1920, citado na última seção da exposição em Madri, define à perfeição sua obra de inspiração religiosa, criativa e visionária, tão estranha quanto particular e incomparável: “Como Cristo, estou crucificado, pregado ao cavalete...”.

* **José Antônio Orlando** é jornalista, professor e escritor. Mestre em Teoria da Literatura pela Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais e autor do blog “Semióticas”. Disponível em: <<http://semioticas1.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

Notas

¹ BENJAMIN, 1985.

² Exposição disponível em: <<http://www.fundacioncanal.com/14635/chagall-divino-y-humano/>>. Acesso em 3 nov. 2016.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196.